

A Fiesp e a crise dos anos 80 e 90

Livro revela como tensões econômicas e políticas do período repercutiram na entidade

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), principal órgão patronal do país, não tinha uma posição única quanto ao projeto empresarial que poderia vir a ajudar o Brasil a sair da crise econômica e política que marcou as décadas de 80 e 90. A proposta neoliberal, que acabou prevalecendo, não foi o ponto de partida, mas sim de chegada de conflitos internos à entidade, protagonizados por diferentes frações do empresariado. A conclusão faz parte do livro *Um Ministério dos Industriais – A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo na crise das décadas de 1980 e 1990*, que acaba de ser lançado por Alvaro Bianchi, professor do Departamento de Ciências Políticas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e diretor do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Unicamp. A obra, produzida pela Editora da Unicamp, é um desdobramento da tese de doutorado do docente.

O interesse de Bianchi pelo tema nasceu ainda na graduação, feita na Universidade de São Paulo (USP). Na oportunidade, ele elaborou um trabalho de iniciação científica sobre o Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE). Na pós-graduação, as investigações em torno da trajetória do empresariado brasileiro tiveram continuidade. “A preocupação de investigar essa temática emerge na década de 70. Entretanto, os trabalhos que utilizam modelos de análise mais sofisticados ainda são escassos. Sobre certos aspectos, a bibliografia em torno do tema se encontra metodológica e teoricamente defasada. O livro pretende contribuir para essa atualização”, explica o autor.

O docente da Unicamp diz que o recorte temporal empregado no livro leva em conta a crise orgânica (econômica e política) que marcou o período, bem como as repercussões dessa mesma crise no interior da Fiesp. Naquele instante, conforme Bianchi, os conflitos internos à Federação tornaram-se mais evidentes. “Em dois momentos, em 1980 e 1992, ocorreu algo que normalmente não ocorria na Fiesp: a formação de diferentes chapas para concorrer à direção da entidade. O mesmo aconteceu no Ciesp [Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, organização civil]. O que estava no cerne das disputas eram os diferentes projetos empresariais de superação da crise”.

Dentre as propostas defendidas pelas diferentes tendências do empresariado, duas eram dominantes, de acordo com o professor do IFCH. Uma, de caráter liberal desenvolvimentista, procurava combinar os preceitos do liberalismo com uma intervenção do Estado na economia, de modo a dinamizá-la. Outra, de perfil liberal clássico, via na retirada do Estado da economia o mecanismo que poderia destravar o desenvolvimento do país. “A literatura costuma dizer que o neoliberalismo era dominante no meio empresarial naquele período. O que eu procuro mostrar no livro é que esse neoliberalismo não é tanto o ponto de partida, mas sim de chegada desses conflitos internos à Fiesp”, esclarece Bianchi.

Os embates no interior da entidade se dão, segundo o docente, por meio de escaramuças entre os adversários e da



Sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, na Avenida Paulista: em 1980 e 1992, diferentes chapas concorreram à direção da entidade

Foto: Divulgação

Foto: Antoninho Perri

publicação de artigos ou da concessão de entrevistas das lideranças empresariais à imprensa. O ponto máximo das divergências é, obviamente, a disputa eleitoral. Bianchi destaca que embora os conflitos mais abertos tenham se dado no âmbito interno da Fiesp, houve também consequências externas, dado o peso da entidade na vida política e econômica da nação. Assim, em alguns momentos, ocorreram discretas intervenções na Federação por parte das altas autoridades econômicas do país. “Isso se deu, por exemplo, por meio da manifestação de preferência por uma chapa ou outra”.

No mergulho que fez nas fontes de pesquisa – Bianchi consultou os arquivos da própria Fiesp, publicações da entidade e matérias jornalísticas do período –, o autor de *Um Ministério dos Industriais...* chegou a outras três conclusões que reputa importantes. A primeira é de que o projeto do empresariado para a superação da crise não estava definido de antemão. “Ele foi construído ao longo das décadas e em razão dos conflitos dos empresários com os trabalhadores e o governo e das divergências existentes no interior das associações e sindicatos patronais”, afirma. A segunda, que contraria algumas pesquisas desenvolvidas no Brasil, sustenta que a organização sindical do empresariado não declinou a partir da década de 70. “O que eu revelo, sustentado por dados do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], é que a partir da década de 80 ocorreu um renovado crescimento do associativismo empresarial. Houve, no período, uma ampliação do número de sindicatos da indústria”.

A terceira e última conclusão refere-se à distinção normalmente feita entre os setores modernos e tradicionais da indústria e entre as suas formas associativas. Na opinião de Bianchi, essas questões tendem a ser irrelevantes ou, no mínimo, precisam ser tratadas com mais cuidado. “Do ponto de vista dos setores, um segmento que hoje é considerado tradicional pode se transformar em moderno ao incorporar novas tecnologias ou voltar-se para o mercado externo. A economia brasileira tem um dinamismo que permite a um determinado setor reinventar-se”, defende. Do ponto de vista da organização, a literatura, prossegue o diretor do AEL, divide os arranjos entre sin-



O professor Alvaro Bianchi: obra pretende contribuir para a atualização teórica e metodológica da literatura em torno do tema

dical corporativo e civil associativo.

A mesma literatura também diz que a primeira forma de organização, classificada com frequência de arcaica, é própria dos setores mais tradicionais e a segunda, dos mais modernos e dinâmicos. “No livro, eu mostro que o que existe na verdade são complexos associativos, que entrelaçam os dois modelos. O empresariado faz uso tanto de um quanto de outro de modo criativo e dinâmico, conforme a situação”. Bianchi enfatiza que procurou adotar na pesquisa que deu origem ao livro uma perspectiva histórico-relacional, de modo a analisar os processos políticos e econômicos de maneira mais eficiente e dinâmica. “Busquei mostrar mais o filme do que o fotograma estático desses processos”.

A despeito de o livro ser um desdobramento da sua tese de doutorado – a pesquisa original foi ampliada e sofreu algumas correções –, Bianchi diz acreditar que o texto é acessível tanto à comunidade acadêmica quanto a todos os que se interessam por compreender melhor alguns aspectos importantes da história recente do Brasil, tendo como

fio condutor os posicionamentos do empresariado nacional, marcadamente o paulista. Nesse sentido, o texto de orelha, escrito pelo professor Ruy Braga, aponta: “O período analisado encontra-se fortemente marcado por uma persistente crise econômica e política. Reconstruindo esse complexo momento da vida de nosso país, torna-se mais fácil compreender os dilemas atuais de nosso desenvolvimento”.



■ **Serviço**
Título: Um Ministério dos Industriais - A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo na crise das décadas de 1980 e 1990
Autor: Alvaro Bianchi
Editora: Editora da Unicamp
Páginas: 288 - Preço: R\$ 40,00